

# Alma da Fazenda

## I

Havia uma fazenda,  
Que se chamava calçada,  
Lá aparecia uma alma,  
Como se diz encantada;  
Essa alma já havia,  
Incomodado noite dia,  
Sem ser disbaratinada.

## II

E percorreu o sertão  
Esse fato assustador,  
E foi um homem de coragem,  
Falar com o morador;  
Daquela grande fazenda,  
Pra saber sobre essa lenda,  
E amenizar o pavor.

## III

Botou cela em um animal,  
E apressado se mandava,  
O lugar era longe,  
Que essa alma passeava;  
Foi tomando rumo ali,  
Depressa pra seguir,  
Com o cavalo que marchava.

## **IV**

E chegando ao lugar,  
Palmas ele bateu,  
Perguntando foi ali,  
Que uma alma apareceu;  
A mulher respondeu que via,  
Toda noite a fantasia,  
De alguém no alpendre seu.

## **V**

Ele então perguntou,  
A mulher se não sabia,  
Alguém que resolvesse,  
Essa dislexia;  
Ela disse não haver,  
Homem para desfazer,  
O que não o conhecia.

## **VI**

E ele se prontificou,  
Em por fim essa agonia,  
De uma alma passeante,  
Nesse alpendre que havia;  
Foi pedindo logo arrancho,  
Sua rede pois no gancho,  
Para descansar do seu dia.

## VII

Mais tarde o dona da casa,  
Chegou vindo do campo,  
Perguntou se ele era,  
Um desbravador entanto;  
Ele respondeu com tom,  
De quem era cabra bom,  
Para desvendar o encanto.

## VIII

E depois de conversarem,  
Já era quase dez hora,  
O dono da casa disse,  
Tire sua rede aqui de fora;  
Coloque-a para dentro,  
Com a alma fique atento,  
Porque ela não demora.

## XIV

Então o homem disse,  
Eu quero que ela venha,  
Que descobrirei então,  
Esse oculto lá das brenha,  
Ficarei aqui sentado,  
Na rede de pé cruzado,  
E que a coragem me mantenha.

## **X**

O dono da casa entrou,  
E a família foi dormir,  
Pois já era muito tarde  
E logo quis sair;  
Deixar aquele alpendre,  
Pra saber como se atende,  
Uma alma sem fugir.

## **XI**

O pai da família ficou,  
Com a porta entre aberta,  
Só pra vê o que acontecia,  
Com o sujeito que alerta;  
Ficou de prontidão  
Com o seu punhal na mão  
A descobrir a coisa incerta.

## **XII**

Daí a pouco lá vêm,  
Aquele vulto tei tei,  
Se era alma ou homem,  
Isso também não sei;  
O desbravador olhou,  
E quem era Perguntou,  
A que objetivo vei.

### **XIII**

E a alma então fez,  
O que de praxe fazia,  
Acendeu logo um cigarro,  
E a fumaça não saia;  
O homem perguntou quem vem,  
A resposta nem do além,  
Saiu como queria.

### **XIV**

E em direção do homem,  
A alma assim seguiu,  
Ele então se preparou,  
Com seu punhal agiu;  
Fez menção de apunhalar,  
Aquele vulto matar,  
E encerrar seu desbravíu.

### **XVI**

E seu braço ficou duro  
Com aquela sua ação,  
O dona da casa olhando,  
Toda aquele arrumação;  
Da alma passar andando,  
E quase derrubando,  
O desbravador durão.

## **XVII**

O galo logo cantou,  
E a alma foi embora,  
E o dono da casa disse,  
Mulher veja aqui fora;  
O homem com o braço duro,  
Ele deve estar em apuro,  
Vemos ajudá-lo agora.

## **XVIII**

E pra tirar aquela faca,  
Dos dedos do valentão  
Uma pedra foi usada,  
Batendo sem compaixão  
O homem estava mudo,  
Sem poder contar-lhe tudo  
Que aconteceu em sua mão.

## **XIX**

Ao amanhecer o dia,  
O homem tinha que ir embora,  
Ele se despediu dizendo.  
De alma não duvido agora;  
Foi saindo envergonhado,  
Seu cachaço foi quebrado,  
Serei o que fui outrora.

## XX

Assim foi o tal relato

Dessa coisa do além,

Foi mesmo uma verdade,

Não duvide de ninguém;

Nunca enfrente uma marmota,

Não se sabe a lorota,

Que uma visagem tem.

---